

31 de Julho de 1904

Leitor e jornalista

A psicologia do leitor moderno está ainda por fazer: psicologia complexa, na verdade! O leitor moderno não é um typo simples, unico; é antes um ser multiforme, ondeante e diverso, um Protheo! O leitor moderno chama-se legião! O d'ontras, eras pertencia a uma cathedra escolhida era um homem instruido, serio, paciente; lia menos do que se lê hoje, mas lia melhor. O grave, calmo, profunda leitor d'outros tempos, que meditava sobre *in-folios* na luz moderada dum aposento interno de alguma casa de Hollanda, está desde longa data esquecido. O jornalismo e a naurastenia mataram-n'o!

Hoje o leitor capaz de ler uma obra scientifica ou litteraria de certo tomo é tambem um ser nervoso, sempre impaciente, que tem pressa de ler a maior quantidade de paginas no menor tempo possivel: procura apanhar rapidamente, com um relancear de olhos, a successão das idéas; e é obrigado a ler tantos livros que encontra continuamente os mesmos conceitos com diferentes variações de expressão: reconhece-os e passa adiante. Mas os males produzidos pelo excesso de produção de livros nada são, comparados com os que resultam da multiplicação dos jornaes. E' horroroso pensar que a maioria da gente que sabe ler — não só no meio das classes desprotegidas, mas ainda nas abastadas — tem por principal ou exclusiva leitura o jornal! o jornal! isto é, um cumulo de factos inexactos ou inteiramente inventados, de considerações politicas, absurdas ou mentirosas, de informações quasi sempre fornecidas por pessoas incompetentes, de litteratura de infima ordem e tudo escripto o mais mal possivel. A leitura quotidiana do jornal habitua o espirito á pouca precisão de idéas, á superficialidade de juizos, á não-critica, á vulgaridade dos sentimentos, á chateza do estylo. E' um dos mais poderosos meios de emburramento da nossa civilização.

Nunca é demais insistir neste facto: que, por meio dos jornaes mercantis, as theorias novas, as descobertas scientificas chegam ao grosso do publico em segunda ou terceira mão — incompletas, deformadas, mascaradas. No dominio intellectual como no economico, entre o productor e o consumidor existe hoje numerosos intermediarios, que são verdadeiros e legitimos parasitas sociaes. O jornalista carece de cultura e por falta de tempo, não pode tirar os seus conhecimentos directamente das fontes; dirige-se aos «vulgarizadores» que se encarregam de por a sciencia ao alcance das intelligencias mediocres e da gente desjeosa de adquirir um verniz de saber, que basta para fazer passar um homem por erudito nos salões.

JACQUES MESNIL.

No caminho da vida

Audo em terrivel crise neurasténica. Minha mente minha pobre mente! cansada do labor insano das concepções arrojadas, qual verme a sonhar habituações ignotas no firmamento ponteadas de prata, e como um caleidoscopio onde passam padronagens exóticas de phantasias paradisiacas os infernaes que, quasi simultaneamente, a fazem beber em largos haustos a luz de auroras extraordinarias e o trevor immisivel das lapas gigantesças em noutes tempestuosas.

As vezes uma alegria primaveril invade-me todo o ser, outras uma commiseración immensa, um condoimento sem igual, cahi gottejante como rocio de Agosto, sobre o meu ser pensante, e então choro, choro muito, por todos — to-

dos! — que se vão commigo ahi — caminho da vida emfura.

Meus irmão são elles, pela origem, pela dôr, pela lucta e pelo tempo. A magua que leio em seus rostos é a mesma que opprime o meu peito, a dôr que poez em seus olhos sulcos escuros, é a mesma que rompe o dique de minhas lagrimas; as luctas que escreveram em suas frentes os hieroglyphos dos pezares e derramaram em suas cabellos as neves dos soffrimentos, são as mesmas que, atravez da vida, marchando a meu lado como se foram apaixonados amantes, me ensinaram a diluir os desesperos todos da existencia em Amor — neste Amor unico sublime — o Amor genésico, — o Amor por todos, que é o termo do sentir humano.

E assim ia eu romeiro da morte, com todos os demais que o termo buscam, a temer e a desejar, esquecido dos proprios soffrimentos pelo sentimento innato da compaixão e commiseración dos alheios martyrios, vendo uma dôr immensa e respeitavel na arvore esgalhada pelo cyclone ou no arbusto derrubado pela charrua do lavrador; gemendo as dores da avezinha tombada quando com o biscaoto voltava pressurosa ao amado ninho; carpindo, ás vezes, á fera, á vibora, chegava ao termo da jornada, quando pensava apenas havel-a começado, e rindo sempre, porem, alegre e satisfeito quando um homem chegava ao termo fatal.

Chorava a arvore, o arbusto o passaro, a fera, a vibora tombados, na jornada, porque a condição primaz da vida elles a tinham — a liberdade — e a morte era para elles a primeira e a maior de todas as dores.

Sentia satisfação ao tomar um homem porque elle jámais vivera sem dores e dores acerbas, e a morte foi seu primeiro gozo...

Regulo Varella.

Desalinhavos

Bem diz o meu compadre e velho amigo Souza, que isso de igualdade é conversa fiada, que o preto aqui n'esta terra é como «bicho» de Academia: só tem direito a não ter direito a cousa alguma.

Por mais que procure demonstrar que elle é injusto, pois já se dispensam considerações aos nossos meritos, nada consigo, porque o homem remata sempre com esta tirada:

— Deixa-te de «lorotas». O que tens arranjado com as tuas idéas de republicano? nada. Vive-se ahi praguejando contra a falta de justiça, de equidade e até o menosprezo de que somos victimas De ti mesmo, quando deixares de existir, a unica coisa que podem dizer, si até lá continuares honesto e cumpridor dos teus deveres como cidadão, é que fostes um bom negro, muito fiel, etc, etc.

Senhores, estou de «cara a banda» pois tenho de confessar que o compadre Souza, tem razão, mas mesmo muita razão.

Domingo eu estava na critica situação de quem não sabia o que fazer do tempo, quando lembrei-me de dar um passeio de bond em um nossos arrabaldes. Pensar nisso e por em pratica foi obra de dous minutos. Sahi e fui tão feliz que, chegando á praça Senador Florencio, encontrei um carro a partir para o Menino Deus.

Nelle embarquei, era um carretão respeitavel que apczar da pintura nova não conseguia disfarçar a anciandade facil de descobrir-se pelas portinholas já sem corrediças, estribos muito gastos e o espelito que me dava a ideia de uma lamina de folha enferrujada. Mal me tinha sentado começou aquelle velho carretão a rodar sobre os trilhos, fazendo um barulho ensurdecedor, o qual casando-se com os meus pensamentos, foi alheando, a pouco e pouco, de

tudo quanto se passava em torno a mim, e assim me conservava como sonhando acordado, talvez toda a viagem, se não me chamasse a realidade das cousas, o ouvir estas palavras em tom que demonstrava o certo enfado do individuo que se julga superior áquelle a quem fala;»

— Oh! chefe... passa a passagem! Voltei-me, tirei um «nicolau» do bolso e dei-o ao conductor do vehiculo. E talvez me entregasse novamente ao curso de meus pensamentos, quando me chamou attenção o attencioso dialogo que o mesmo conductor travou com outro passageiro:

— Cavalheiro, queira fazer o obsequio de dar-me a sua passagem?

O passageiro que conversava com um companheiro, mal voltando-se para o conductor disse:

— Não tenho troco, pagarei na volta! Retrucou-lhe o conductor:

— Não ha novidade cavalheiro, e cortejando-o respeitavelmente, retirou-se. Comecei a parafusar, a dar voltas ao miolo: porque seria que eu era chefe e aquelle sr. tinha o titulo de cavalheiro? Não ha legião de honra no Brazil... ou seria francez aquelle sr.? Mas os seus traços eram os do legitimo brasileiro.

E eu... chefe! Mas chefe de que?...

E intrigado como um, «gury» que não sabe resolver o problema que o professor passou, olhei para o conductor, para o assoalho do «bond», para os burros que o tiravam pachorrotamente, e, na impossibilidade de definir tão diversos tratamentos, enfeei os dedos pollegares nas ovas do colleite, firmei os olhos para o espelito sem aço do velho «bond» e ia francamente encabular quando, reparando no passageiro que tinha titulo de cavalheiro e achando a chave da couza exclamei em voz alta, com grande pasmo dos passageiros:

Eureka!... ahehi!... comprehendendo!...

Um velho precavido que achava-se sentado ao meu lado, levantou-se de um salto e inquiriu-me:

— O senhor não foi mordido por algum cão?

Uma senhora, já de pé, pedia que parasse o bond.

Tudo serenou quando respondi ao velho que não tinha sido mordido por cão algum e que immerso em meus pensamentos, sobresitado talvez... só assim explicava o ter pronunciado taes palavras.

Mas fora outra a razão daquella minha exclamação, comprehendera porque era «chefe», sem o ser de cousa alguma e o outro companheiro de viagem, cavalheiro, sem possuir a fita da Legião de honra; confrontara a minha fatiota, o meu bentinho, de casemira nacional que o sympathico Meneghetti confeccionou com habil pericia, as minhas botinas que depois da ultima chuva patentearam os defeitos do calçado barato com a encadernação do chrisnado «cavalheiro» que era de casemira manufacturada pela casa Dormeuil & Frères, de Paris, as botinas de pellica da reputada casa Bostock, e anel de brilhante e... demais a mais era incolor e eu... preto

E passei a dizer:

Bem razão tem o compadre Souza! Até no «bond» mesmo, existe a desigualdade!

E... e eu concorri com o meu «nicolau» muito magro para a manutenção d'aquella empresa, pois mathematicamente foi elle em particula posto que diminutissima, pagar ao gerente, fiscal, accionista, ao conductor e até ao milhossinho que será dado aos dons burrinhos, que tão resignadamente puchavam aquelle velho e enorme carretão!

S. Pereira

Implicancias...

Dirão que são devidas ao meu carancismo estas «implicancias», convenio; porém não posso conter-me ante certas cousas... e implico.

Ha dias, implicando com um termo muito usado pelos nostalgicos da escravidão, consultei a algum que tem fuiaças de grammatico, e este algum assim satizez a minha curiosidade:

— A palavra está ensinando: «crioulo», chamava-se o filho de escravo, nascido e criado na casa dos senhores: o crioulo de Fulano, o meu crioulo, o crioulo Paulino, do compadre; isto no tempo da monarchia, quando havia escravos: hoje, é muito empregado quando nos referimos aos cavallos sem partes de sangue extranho, que os chamamos cavallos crioulos. No mais, lá uma ou outra pessoa emprega: sou crioulo de Porto Alegre, sou crioulo de Santa Catharina, em vez de sou natural daqui ou dali; portanto, isto de nos jornaes, quando se referem a qualquer facto nos tratarem o crioulo Antonio, o mulato Paulino, quando se referem a algum facto em que os individuos não são conhecidos, não é por mal, é devido ao maldito habito adquirido no tempo da escravatura: não te importa, concluiu o grammatico, dando por terminada a consulta.

« Não é por mal!... ora essa!... resmunguei com os meus botões: que seja um habito de escravocatas vencidos, vá lá; estão saudosos dos tempos em que enchiam as gavetas com o producto de anuncios neste theor:

« Vendem-se dous creoulos de ida-
« de inferior a 20 annos, muito bo-
« nitas figuras, chegados hoje do Rio
« Grande, no vapor Imperatriz, na
« rua Direita n. 64, loja. »

Mas agora, chupem no dedo ou chorem na cama, que é logar quente. Não nos importar com isso, para com despreendimento palerma consintirmos que matem o vicio, é implicitamente nos conformar com a excommunhão de Noé; excommunhão que condemnou os pretos e amarells, descendentes de Chão, a serem escravos dos brancos. Contra isso é que meus brios se revoltam, pois sou um de tantos que entendem, que somos todos iguaes perante Deus.

Além disso, agora, que a civilização brasileira deu cabo dos escravos, não ha mais homem preto, verde ou amarello, crioulo: todos somos crioulos ou crioulos só os cavallos; portanto, é um desaforo aviltante o epitheto de crioulo por descendermos de africanos pretos.

Ora, se a boa educação cabe em toda parte, como diz o dictado, não cabe com certeza nas columnas dos jornaes que se apresentam como o painel onde se reflecte o trato pollido de quem se arroga ter o criterio preciso para julgar que pela cor da pelle não se pôde avaliar nem classificar as qualidades dos individuos; pois parece que ha a velada intenção de nos enxovalhar por termos escapado das garras ferozes do sanhudo captivo que, pelo martyrio, glorificou aos nossos avós.

Não me venham dizer que, com isto fomento o odio de raças: alto lá! Se não me desculpam lançar mão dessas frivolidades para provar que sou igual ás outras pessoas; porque não censurar esses senhores redactores que são todos cheios de nós pelas costas, que trabalham ao lado de rapazes nossos similes, que não se encarpinham por dá cá aquella palha, por que sabem o quanto valem; porque não censurar esses senhores redactores, quando, sendo o nosso idioma tão rico de adjectivos para definir os sentimentos pessoases, alimentam no entretanto o preconceito de cores com este estylo rustico:

« O crioulo Manoel Carneiro dos

« Santos, aproveitando-se da occasião em que Gregorio Jorge, proprietario da casa de fazendas e miudezas, sita à rua Voluntarios da Patria n. 193, achava-se no interior do predio, penetrou em seu estabelecimento e furtou um par de calças.

« O larapio foi preso em flagrante pelo agente n. 75 que o levou ao posto de onde o major Louzada enviou ao coronel João Leite.»

Porque desde o começo da noticia, não disseram o larapio Manoel Carneiro?... Para saber-se da côr do individuo que commetteu a má accção? Não, porque no mesmo numero do jornal, em facto identico, vinha a seguinte noticia, onde não se fica sabendo a côr dos larapios:

« Honorio da Silva morador à rua Andrade Neves n. 41, esteve hontem no 1.º posto e queixou-se de que no dia 7 do corrente, deixando um sacco com diversas peças de roupa usada e uma japona, depositados em casa do sr. Abrahão de tal, no Mercado, foram esses objectos roubados pelos individuos Henrique de tal e Henrique Hamann, que ali se achava na occasião.

« No dia seguinte os larapios voltando áquella casa de negocio encontraram com o queixoso, que, vendo Hamann com um par de botinas que lhe faltava, chamou o agente n. 93 e lhe entregou o larapio.

« Este, hontem, no 1.º posto, confessou ter sido o auctor do furto e haver escondido o sacco em uns galhos da cerca da «Baroneza».

« Para o local foram enviados o gatuão acompanhado do agente 303, Propicio Ferreira da Silva, que encontrou todos os objectos indicados, á excepção da japona.

« Esta tinha sido vendida a um lanchoeiro, que a restituiu à seu dono.

« Hamann foi enviado pelo major Louzada, á presença do coronel João Leite, delegado judiciario.

Se crioulo quer dizer de côr preta, só ha, para nós, uma vantagem nesta selecção, e é esta: saber-se pela côr da pelle a tendencia dos individuos para o crime; pois enquanto na primeira noticia-se vê um crioulo, se conta na segunda dois ladões incoheres!

Estão tão convencidos que o homem de côr só é gente, quando é negro de estimação que no mesmo numero do jornal de que cortamos as citadas noticias, encontramos esta outra:

« Completou, hontem, 30 annos de bons serviços de empregado do ministerio da fazenda o nosso amigo capitão Manoel Luiz de Magalhães, 1.º escripturario da delegacia fiscal.

« Durante este longo tempo, o capitão Magalhães que galgou brilhantes posições pela sua actividade de intelligente e maximo zelo pelos serviços publicos, nunca pedira uma licença, nem sequer tivera uma irregularidade que viesse nodoar a sua fé de officio.

Vamos lá!... Porque não disseram: «...o nosso amigo o capitão mulato Manoel Luiz de Magalhães?»...

— Oh! oh! oh! isto não: o capitão Magalhães é nosso amigo, além disto, é um homem conhecido, responder-me-o gaguejando, com os olhos muito arregalados pela idéa do profundo ridículo em que cahiram com semelhante disparate.

De maneira que se não fosse amigo e não tivesse uma posição saliente, não seria um homem e sim um mulato!

Ora, ha de concordar, senhor noticiario, que é muito convencional a urbanidade estylistica que dispensa a um publico que reúne em si todas as cores. Tem as blandicias do gato a vossa consideração a nós outros.

Mas enfim, esta tergiversação, não é por mal, está-lhe na massa do sangue, corre-lhe pelas veias o sangue liberticida de seus pais, e portanto, como elles, entende a seu bel. prazer de dar ou tirar os foros de gente, conforme a corrente de sympathia que lhe prenda a este ou áquelle individuo de cor pre-

ta ou parda. Porém eu sou quem implica com isso, porque bem se poderia dizer sem pisar a ninguém: o larapio Manoel de cor preta e os larapios Henriques de cor branca.

Advertir-me-ão que acha-se actualmente a frente do Jornal do Commercio o nosso acatado mestre e amigo, tenente-coronel Anrello de Bittencourt cujo tirocinio pela vida publica é o mais glorioso phanal para a nossa conducta

De accordo. Mas o tenente-coronel Aurelio tem a sua actividade intellectual absorvida pelas multiplicas cogitações inherentes aos altos encargos de sua posição social e official, não pode descer a miudezas de fiscalisar os rabiscos de um noticiario, que morde o calcanhar do chefe, inconscientemente.

Ao leres o que escrevo, caro leitor, sejam embora de cor branca, antevejo o sulcosinho tenue de um sorriso que o assentimento intimo ás observações que vou expendendo, faz-te assomar no rosto.

Porém, como não implicar, se eu vejo o jornal que, manda a verdade que se diga, é o mais querido e procurado pela gente de cor preta, ser justamente o que entende que negro não conta annos e sim passa o tempo.

Para provar o que avanço, leiamos a seguinte noticia:

« Hontem, ao meio dia, o crioulo de nome Adão João Quinha foi á intendencia municipal, afim de effectuar o pagamento de decimas urbanas.

« D'entre as notas por elle apresentadas, havia uma, sob n. 133.456, que foi considerada falsa.

« Essa cedula, que era do valor de 20\$000, não tinha serie declarada.

« As decimas cujo pagamento fora effectuar o crioulo Adão, eram de José Endler, estabelecido com salchicharia á rua 24 de Maio n. 21.

« O thesoureiro da intendencia municipal, sr. Francisco de Castilho Maya, apprehendeu a nota e apprehendeu Adão no 1.º posto.

« Dahi, foi este remetido á policia judiciaria, juntamente com a cedula em questão.

Agora diga-me o leitor, se fica sabendo que *bicho* é este: o crioulo de nome Adão; se se trata de um homem moço, de meia idade ou de um velho? Não ficará sabendo de nada porque o redactor desse jornal, que faz o pedido arrogante de nos referirmos ao *Correio*, sinão com o necessario criterio, ao menos com alguma educação, ainda entende que não merecemos a honra de julgarem pelo nosso physico se somos moço ou velho, pelos nossos precedentes se somos bons ou más.

« As decimas cujo pagamento fora effectuar o crioulo Adão, eram de José Endler etc.»

Vê-se por este trecho que se trata de um ente prestativo ou de um empregado de confiança: mesmo assim não mereceu do estimado jornalista o ser tratado simplesmente por Adão; não, repisou, o crioulo Adão, como se a cor do pobre homem justificasse o facto de lhe cahir na esparrela de ir pagar impostos com dinheiro falso que se pode presumir, foi lhe dado por José Endler, tambem em boa fé.

No entretanto sobre o mesmo assumpto o tratamento muda como da água para o vinho; fallando-se de gente que merece pela... cor talvez, a consideração do organo rosa, como pode-se aquillatar da polidez da noticia abaixo:

« O sr. José Moreira da Silva é estabelecido com armazem de secos e molhados, á rua Jeronymo Coelho n. 29.

« Hontem, ás 11 horas da manhã aproximadamente, ali esteve um moço desconhecido, que pediu um pacote de fumo *Maryland* e um livrinho de papel para cigarros.

« Sendo servido, deu elle em pagamento uma nota de 20\$000, sob n. 54.029, da serie 30 A, e estampada pa 8.º, e que o queixoso reconheceu ser falsa.

« Em vista disso Moreira da Silva chamou o agente municipal José

« Bertolla, que passava na occasião. « Levado ao posto, o moço em questão declarou chamar-se Franklin Rodrigues Oliveira, ser natural de Caçapava e achar-se na capital, a passeio, desde quarta-feira ultima.

« Declarou elle ignorar ser falsa a nota e não poder precisar si a recebeu em Caçapava; ou em Cachoeira, quando por alli passou.

« A nota foi apprehendida e remetida á policia judiciaria, bem como Franklin de Oliveira.

Na primeira noticia: «o crioulo Adão» na segunda: «um moço desconhecido!» Porque não disseram um homem ou um moço de nome Adão João Quinha?

Vão tomar barrigadas de riso com a minha petulancia de querer que nos tratem como gente que somos Mas antes de rir leiam lá:

« O creado que supporta um insulto de seus patrões, que ama o tratamento habitual de negro sem protesto, é um sem vergonha. O creado que é offendido por seu patrão deve offendê-lo tambem, porque ali a questão é de homem para homem

« O regimen da igualdade em que vivemos assim dispõe.

O que acabaste de ler é a opinião do laureado escriptor Germano Hassloch, tratando de creados; agora o ha de se dizer de um leitor da minha côr, que como eu, costuma puchar o seu tostãozinho... para comprar um *Correio*, e que, afinal de contas, goste de ler a cada instante: o negro fulano, o crioulo beltrano?... E' por isso que eu implico. Não quero que venham a chamar-me de *sem vergonha* por não me importar com estas cousas.

A minha senhora que tambem tem um certo cahido pelo *rosco*, ao ler o que eu escrevia, admoestou-me:

« Deixesse de implicancias porque quando se der alguma cousa com vosses, elles dirão: «o distincto moço...»

Perdi a parcimonia, sentindo o acieite de tal ironia e fiquei vociferado, enquanto ella tranquillamente continuava nas lidas domesticas:

— Por causa de uma destas e outras é que o extinto Gaspar Martins gritava do alto da tribuna parlamentar: « Eu dou mais pela patria do que pelo negro! » e o finado dr. Julio de Castilhos dizia a quem queria ouvir: « O negro prima pela humildade! »

Isto porque a pratica tem demonstrado que uma vez que nos passem um pouco de *mel pelos bicos*, já não nos importamos que a quem nos desprezo publico, uma victima da sorte por ter a mesma côr trigueira que temos, com medo de perdermos a consideração que gozamos, a qual não é um favor, é devida tão somente ao nosso valor pessoal.

Mas eu implico com isto! Apezar de intimamente desculpar as decepções que tenho trágado com a propaganda do *Exemplo*, não posso disfarçar a cara de quem lambes sabão, com que certamente devo ficar, quando, convidando um *seu* Antonio, meu similão, para assignar o nosso jornal, elle me responde se rebolando todo:

— Não vou nisso!... Eu cá só compro o *Correio do Puro* que leio, ás 6 horas da manhã, antes de pegar no serviço.

Digam, embora, que estou enciumado, não contesto: pois doe n'alma ver-se esta *crendada*, no estylo delicado do *Correio*, procurar pressurosa um jornal que dá a entender que não pertencemos ao genero humano; e esse amor só tem parella no da china «enrabichada» que quanto mais apanha do seu «home», mais carinhos tem para elle.

Por tudo isso é que eu implico. Candido.

Filho mais velho da Candinha.

Em um armazem de moveis: — Então eu compro-lhe meia duzia de cadeiras e o senhor manda-me quatro já quebradas?

O dono do estabelecimento, muito contrariado:

— Na realidade não sei como isso foi. Só se alguém sentou-se em cima dellas!

Tomates

« Um *chalet* de madeira na rua Marcilio Dias, de propriedade do sr. Tubino, foi devorado pelo fogo. « Era occupado por um sr. José Ramão, que achando-se atrasado, « lhe attribuiu a visinhança a outra do sinistro. » (Da imprensa diaria)

Pois não, um bello systema. De andar-se em dia com as casas. Resolve-se este problema. Pondo-se as ditas em brasas

Nos ensina o Zé Ramão Com a pratica desta receita: O aluguel não vê o patrão Mas o carvão aproveita.

Fifano Canguarino.

Notas semanaes

Estará hoje aberta durante o dia a pharmacia Hecker, á rua dos Andradas n. 378.

Suicidio. — O enfarruscado amanhecer de domingo passado envolvia o triste fim de um homem de côr parda que puzera termo a existencia, varando a cabeça com uma bala de revólver.

O facto de tratar-se de um individuo completamente desconhecido na cidade baixa, fez com que na estatura meia do cadaver e em sua physionomia, apezar de deformada, o boato apanhasse a pessoa de nosso valioso companheiro Vital Baptista, que ao ser com a sua presença, desmentida a truculenta noticia, vio-se rodeado e cumprimentado durante o dia, por todos quantos apreciavam-lhe as qualidades edificantes como chefe de familia, amigo dedicado e caracter zeloso de seus deveres.

E passou-se o dia de domingo reclinado a auctoridade do acto de desespero em um, em outro conhecido, pois a policia, terminantemente, prohibira a entrada no necrotério da chefatura.

Porém na segunda-feira a imprensa diaria divulgava que o cadaver encontrado de bruço na Varzea, no local denominado *Cemiterio dos Cachorros*, era de Amancio Meirelles, natural do Estado do Espirito Santo e representante aqui de diversas casas commerciaes do Rio de Janeiro.

Relacionava-se apenas com os moços do alto commercio e habitava a luxuosa hospedaria *Habulak* sita à rua Jeronymo Coelho.

Os motivos do suicidio são ignorados.

Enfermos. — As duas filhinhas do nosso amigo João Maria da Conceição, Christiniana e Mariasinha, estiveram seriamente enfermas, achando-se a pequena Mariasinha já em plena convalescencia.

— Tem se agravado o estado de saúde do sr. Alfonso Bandeira, devido a antigos padecimentos.

— O conhecido mestre pintor Elias Antonio de Oliveira, actualmente cego, tem estado enfermo.

— As senhoritas: Almerinda dos Santos, Anna Ignacia de Almeida e Mathildes Brecellos, guardam o leito ligeiramente enfermas, bem como a respeitavel matrona Maria Lúcida de Freitas.

— Accommittido de encommo do que o levou ao leito, acha-se o joven Agostinho Pacheco.

— Acha-se doentinha a interessante Judith, filha do nosso amigo Claro Malhado.

A todos desejamos prompto restabelecimento.

Novos assignantes. — Abaixo publicamos a lista dos novos assignantes do *Exemplo* que têm sido remetidos por amigos nossos, a contar do dia 18 a 29 do mez que hoje finda.

Eis a relação com os nomes dos que remetteram-nos:

D. Laurinda B. da Conceição, Olga Wahrich e Malvina da Silva Leal, pelo sr. Benedito Dias; os srs. Carlos Penstrup, Armando Silveira, João Carlos Antão e d. Aldina Gomes, pelo sr. José de Freitas Soares; o sr. Alfonso de Freitas Cabral e d. Maria R. da Conceição, pelo sr. Aristides José da Silva;

Remetta o jornal para a casa n.º
da rua
para o Sr.
que deseja ser incluído no rol dos
assignantes a contar de de
de 1904.
(Assignatura de quem remette):

o sr. Horacio Cabral, pelo sr. Ernesto Silva; o sr. Manoel Laurindo da Conceição, pelo sr. Asdhuma Silva; o sr. Manoel Marcos, pelo sr. Filon Teixeira. Estiveram em nosso escriptorio e pediram assignaturas os srs. Severiano da Silva e Abel de Souza.

Phenomeno. — O nosso amigo José Ignacio Firmiano, acreditado constructor a cargo de quem está a demolição e transferencia do kiosque Elias da praça 15 de Novembro para o Campo da Redenção, esteve quinta-feira ultima em nosso escriptorio e veiu mostrar-nos uma phenomenal penca de gatos; eram cinco os animaesinhos que constituíam o theretologico especimen; cinco gatinhos recém-nascidos que tinham as formas anteriores perfeitamente definidas, bem como as extemas posteriores, mas o ventre cerrado por pelle commum, isto é, todos ligados pela barriga.

Na occasião em que foram trazidos ao nosso escriptorio um delles estava quasi morto, quatro porém ainda debatiam-se por libertar-se de uma prisão que sómente lhes daria salida para a morte.

N'um postal

As linhas que me atrevo
Escrever neste cartão
De leve põe em relevo
O sentir de um coração

E o que o meu sente não quero
Ver assim ao sol exposto,
Pois um amor que é sincero
Só no peito está a gosto.

Sarahoso Progne

Reparos

Não tenho hoje, leitores
Nada que contar de novo.
Nem façanhas de amores
Nem outras cousas do povo.

Só sei que a nossa cidade
Acha-se, pois, empenhada
De arrumar por caridade
—Hospital p'ra cachorrada.

K. Zuza

Calendario social

Prolfaças. — Fizeram annos:
A 20, o antigo e acreditado empregado da imprensa diaria o sr. Elias Moreira;

A 26, a senhorita Marieta dos Santos, filha da respeitavel senhora Honorina dos Santos.

Farão annos:
Amanhã, 1.º de agosto, o sr. Manoel Antonio de Quadros;

A 2, a exma. sra. d. Maria Candida de Menezes Cunha, residente na Cachoeira;

A 3, o interessante menino José, filho do sr. Antonio Gonçalves Leonardo.

Festa intima. — Commemorando seu anniversario a sra. d. Anna Pereira da Silva, realisou, em a noite de 26 do corrente, uma festa intima agradabilissima.

Neu-nado. — A exma. esposa do sr. Antonio Francisco Vieira deu mais um rebento á arvore de sua familia. Para felizes dias o desejamos.

Floresta Aurora. — Uma commissão composta dos srs. Raineri Augusto de Moraes, Emilio de Lima, Martiniano da Silva e João Maria da Con-

ceição, no domingo passado deu-nos a honra de ser a portadora do convite para o festival que, conforme noticiamos, realisa-se hoje.

Gratos pela deferencia.
União de Resistencia Pa-deiral. — Esta sociedade que é aliada á liga federal dos empregados em padarias, no Rio de Janeiro, realisa, hoje, uma sessão de assembléa geral, no prédio sito á rua Santo Antonio n. 47.

E' presidente desta futura associação o nosso amigo Augusto Dias de Mello.

Badaladas

« Ante-hontem ás 9 horas da noite o creoulo Manoel Vicente dos Santos que furtára da porta da casa de negocio de Elias Chumale & Irmão, estabelecido no mercado publico n. 109, um pala no valor de 18\$000, «Etc...»

Uma pergunta innocente
Faço daqui ao «Correio»:
De quem é escravo o Vicente,
Creoulo e gatuno tão feio?

Chico V'areta.

Quebra cabeça

Todos os decifradores fizeram brilhar a figura desta vez: Borboleta, Willi, K. Zuza, Modesto e Nhanhanzinho mandaram listas completas.

As decifrações foram as seguintes: pensamento, do logographo; biscato, licor, lapa, magano, atrocidade, precito e seda, das charadas.

Recebemos do Canguarino que não se quer alistar em nossas fileiras, o logographo abaixo:

Logographo

A' Pepita.
Oh! traz na carta, pois não, 6,7,8,3,5
A enigmia do doutor 4,5,3,6,9
Que este gran cidadão — 1,5,3,4,9
Faz luzir qual resplendor! 4,5,8,9

Veja lá seu pensamento
Veiu ao meu assim toldar.
E adejando ao vento,
Vai lá no morro pairar

CANGUARINO

Charadas

2 - 1 Só de ouro ali ha diadema
1 - 2 Nota a noute esta embarcação
1 - 2 Não é bem feito. E' mui grosseiro
2 - 2 O animal no quintal cahé na esparrella.

Sota & Chucilo

Logographo

Ao Willi.
Que difficuldade tremenda — 5,7,6,4
Tem este carro em andar — 3,4,5,6,7
Com terreno tão molhado — 8,2,1,2
Este fardo a carregar — 6,4,8,4

Dá penna ver-se os maos tratos
Que soffrem os animaes
Com um cocheiro malcreado
Que lhes retalha os ilhaes.

ANNUNCIOS

Mercado

Banca n. 1. (primeira quem vem da banca do peixe). — Vende-se turubi, noqueira, baicurú, cascas, raizes e todas aservas medicinaes, colhidas na lua apropriada. Assim como tem sempre mel de pau legitimo, tripas para linguças e salames, mocotó limpo, proprio para ser preparado em casas de familias.

Manoel Bento Rodrigues & Cia.

Lithographia

Minck & Robles

Neste estabelecimento promptifica-se com esmerada perfeição todos os trabalhos concernentes a esta arte.

402 — Rua dos Andradas — 402
Porto Alegre.

Zeferino Rocha & Filho

Avisa a seus honrados freguezes em Porto Alegre e ao Publico em geral, que tem sua

Officina de trançaria

de apparelhos, chicotes e soiteiras, sendo neste lugar a unica preparada e de pessoal habilitado para apromptar qualquer encomenda desta arte, com perfeição, gosto e urgencia.

Avisos ou pedidos:

Neustadt-Estação

Açougue Bôa Vista

de

Rocco Rosito

Este açougue montado a capricho e conforme as modernas reclamações e conselhos hygienicos, recebe diariamente carne gorda do

Matadouro Kreff de São Leopoldo

tanto de campo como de trato.

Tem sempre carne de porco e grande quantidade de

Salchiches

Salames

Linguças

Todas as encomendas são attendidas com presteza e levadas a casa do freguez por um carrinho, somente a este fim destinado.

Rua Marechal Floriano 244

Esquina da Duque de Caxias.

Casa Non Plus Ultra

Grande deposito de calçado

de toda especie desde o mais fino até os mais economicos em preço.

Calçado de homem desde 6\$500 até 50\$000.

Esta casa não teme competencia em trabalhos sob medida.

Accetam-se encomendas de qualquer genero.

Especialidade em chinellos e sapatos bordados e outros artigos propios para presentes, bailes etc.

Unica casa que importa directamente calçados das principaes fabricas do exterior e do estrangeiro.

Perrone, Medaglia & Comp.

142 - Rua Marechal Floriano - 142

CONFEITARIA SUL AMERICA

de

Nicoláu Rocco

Grande fabrica de doces. — Laureada pela exposição de Chicago!

Accetam-se qualquer encomenda para banquetes, baptiza los, casamentos, bailes, etc. etc.

Garante-se a maxima presteza, esmero e modicidade nos preços.

Rua Riachuelo n. 338, (esquina Dr. Flores)
PORTO ALEGRE.

Vêr para crêr

ARMAZEM DE ARTIGOS DE LEI, DE MODAS E MIUDEZAS

— DE —

José Celiberto

Tem sempre um completo sortimento de calçados para homens, senhoras e crianças, chapéos e perfumarias.

Tem um esplendido deposito de fazendas, de toda especie rendas e tiras bordadas.

Artigos de phantasia

possue o que ha de mais chic.

Roupas feitas

tem grande sortimento e as prepara sob medida por preços modicos.

71 - AZENHA - 71